

# A HIGIENE MENTAL NAS ESCOLAS NO INÍCIO DO SÉCULO XX NO BRASIL

Lílian Bárbara Cavalcanti Cardoso CEDU/UFAL  
lilianbarbara.cc@gmail.com  
Roseane Maria de Amorim CEDU/UFAL  
roseane.mda@hotmail.com

## INTRODUÇÃO

O tema *A Higiene Mental nas escolas no início do século XX no Brasil* está relacionado a um estudo acerca das influências do movimento dos higienistas no início do século XX na educação. Este trabalho faz parte de estudos ligados à história do currículo e das práticas pedagógicas nas escolas primárias nesse período, tendo como linha de Pesquisa Currículo, Atividade Docente e Subjetividades desenvolvida pelo Centro de Educação da Universidade Federal de Alagoas (CEDU/UFAL). A pesquisa encontra-se na fase inicial e se justifica pela importância do processo histórico desse período para importantes mudanças no âmbito do ensino primário, assim como na perspectiva de infância e de inclusão da psicologia na educação que trouxe um novo olhar para tratamento de crianças especiais.

Em meio aos avanços científicos e a industrialização, o período em foco estava marcado por desordem social, a falta de escolas para a população, de saúde e moradia digna, problemas estes que eram resultados de um sistema de governo que priorizava políticas econômicas e abandonava as políticas sociais. Foi nesse contexto que surgiu o movimento higienista, o qual tinha como proposta cuidar da população através de uma orientação comportamental.

Nesse sentido, este artigo tem por objetivo discorrer sobre o movimento higienista, seu contexto histórico e suas influências no sistema educacional, enfatizando o trabalho realizado pelo médico alagoano Arthur Ramos no Serviço de Ortofrenia e Higiene Mental em 1934. Para tanto, buscamos fundamentar nosso trabalho com estudos de Arthur Ramos (1939), Monarcha (2009) e Mansanera e Silva (2000).

## **METODOLOGIA**

Utilizamos como procedimento metodológico a pesquisa bibliográfica acerca do tema, que aborda questões importantes para o entendimento sobre a concepção do higienismo e educação no Brasil no decorrer do início do século XX. Partimos do pressuposto que em uma pesquisa científica é necessário, a princípio, saber perguntar, e este processo só será possível através de estudos de material bibliográfico, de estudos realizados por outros pesquisadores em outras realidades, como também de fontes documentais históricas que também fazem parte do embasamento de uma pesquisa científica. Portanto, é imprescindível, antes de todo e qualquer trabalho científico, fazer uma pesquisa bibliográfica exaustiva sobre o tema em questão.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Os acontecimentos das últimas décadas do século XIX foram fundamentais para as transformações do século seguinte. Nesse período, o Brasil vivenciou mudanças significativas no âmbito social, econômico, político e cultural, as quais transformaram todo o rumo da história dessa nação. A modernização aliada à civilização fez dos primeiros decênios do século XX uma busca incessante pela ordem e progresso, lema este estampado na nossa bandeira como símbolo de uma nova era brasileira baseada nas ciências e no comércio.

Tal civilização chegou ao Brasil com intuito de branquear a nação miscigenada para assim obter o tão sonhado progresso, princípio este que norteava a corrente positivista. Nesse período, eram observados o abandono e o descaso do governo em relação às políticas sociais para com a população pobre do país. Em outras palavras, o objetivo central do processo civilizatório era o desenvolvimento da indústria e do comércio em detrimento dos aspectos sociais.

A população negra recém-libertada, a classe operária que surgia e os pobres eram obrigados a viverem sem educação, saúde e moradia digna. Muitos se amontoavam em cortiços, ruas, barcos e não frequentavam escolas. Sem saneamento, adoeciam e não tinham acesso a médico e assistência. Tal realidade

ocasionou um crescimento da criminalidade. Em meio a esse contexto, segundo Mansanera e Silva (2000, p. 117), esse período:

Aos dirigentes republicanos interessavam o desenvolvimento de um projeto de controle higiênico dos portos, a proteção da sanidade da força de trabalho e o encaminhamento de uma política demográfico-sanitária que contemplasse a questão racial. Abriu-se campo para a proliferação de tecnologias e para o trabalho de especialistas que investigavam sobre a saúde dos imigrantes, a situação sanitária dos portos, o dia-a-dia das cidades, a higiene infantil, os hábitos e costumes populares, a eugenia ou “ideal de branqueamento” do povo brasileiro, o trabalho fabril, o mundo do crime, etc.

A preocupação dos republicanos, citado acima pelos autores, está relacionada ao desejo de tornar o Brasil uma nação civilizada aos moldes das nações europeias, mas os problemas sociais da época eram uma pedra no sapato para os dirigentes elitistas. Esses fatos fizeram surgir o movimento higienista, o qual tinha a proposta de cuidar da população, educando-a e ensinando-a para novos hábitos, e a educação se tornou um instrumento para tal fim, tendo como objetivo uma modificação no comportamento da população brasileira. Desse movimento participaram vários intelectuais que tinham em comum a vontade de melhorar as condições de saúde do povo brasileiro.

Entre esses intelectuais higienistas, destaca-se a figura de Arthur Ramos no campo da educação. Como a maioria dos intelectuais brasileiros do final do século XIX e início do XX, empenhava-se em participar do movimento internacional e em contribuir para a incorporação no país do pensamento moderno divulgado nos países europeus e nos Estados Unidos.

A convite de Anísio Teixeira, Arthur Ramos assume o Serviço de Ortofrenia e Higiene Mental do Instituto de Pesquisa Educacional, fundados em 1933, e instalado em 1934, cargo que ocupou durante cinco anos. Essa instituição estava ligada ao Manifesto dos Pioneiros, que surge com propostas inovadoras em oposição ao ensino tradicional existente. O principal discurso vigente dos escolanovistas enfatizava a necessidade de o Brasil caminhar para mudanças educacionais que o colocassem no mesmo nível de outros países mais desenvolvidos, tendo como exemplo e modelo a educação norte-americana. A ideia dos intelectuais dessa época era desenvolver práticas democráticas e minimizar a desigualdade social existente.

Para Ramos (1939), o objetivo inicial da higiene mental na educação era a prevenção das doenças mentais, pelo estudo e afastamento de todas as causas que conduziam à alienação mental.

O citado serviço implantou seis Clínicas Ortofrênicas anexas às escolas. Partidário da psicanálise, especialmente de Freud, Adler e Melanie Klein, e da antropologia social de Franz Boas e Levy-Bruhl, Arthur Ramos estava determinado a intervir nos meios familiares e escolares, para remover ou mesmo atenuar os bloqueios que impedem o florescimento da personalidade infantil livre de inibições e distúrbios neuróticos (MONARCHA, 2009, p. 279).

Para o cumprimento do trabalho do Serviço de Higiene Mental liderado pelo médico alagoano, foram criadas clínicas de pré-escolas, com a função, a princípio, de prevenção, tendo como a maior tarefa da higiene mental em educação conservar normal a criança normal. “A tarefa corretiva viria depois, quando o trabalho de prevenção não foi conseguido: Ajustar a criança desajustada” (RAMOS, 1950, p.20). Preocupado com intervenções preventivas e corretivas, o “higienista mental”, segundo Arthur Ramos, atuaria na “formação de hábitos normais, corrigindo os precoces desajustamentos encontrados” (MONARCHA, 2009, p. 208).

As clínicas tinham como método de trabalho o **método clínico**, que reunia a maior soma de processos de investigação da personalidade, denominado pelo intelectual em foco como **método poligonal**, pois ele se utilizava de todos os dados de observação da criança, fornecidos pelo professor da classe, pelos pais, etc., tudo isso devidamente controlado pelo pessoal técnico do serviço.

Dessa forma, agia a higiene mental na educação, cultura, através da formação de hábitos escolares e familiares e na orientação de pais e professores. Portanto, a escola tornava-se um espaço não somente para o ensino, como também da higiene. Ela deveria lutar contra as patologias, a pobreza e o vício, que se alastravam pelo país. Por fim, na perspectiva de Mansanera e Silva (2000, p. 125): “Os higienistas pretendiam ter na escola alunos amáveis, conscientes do seu dever, para uma comunhão social equilibrada”.

## CONCLUSÃO

Em meio ao contexto do início do século XX, os intelectuais e médicos higienistas brasileiros entendiam que a desorganização social e o mau funcionamento da sociedade eram fatores que impediam o progresso do país. A higiene se tornou uma necessidade para que houvessem mudanças no comportamento dos brasileiros e assim o controle social, ou seja, sem a ordem, não se teria o progresso. O foco dos higienistas era a infância – fase de prevenção contra desajustes sociais. Isso implicava na devida importância que devia ser dada à escola e à educação para a higienização social, pois elas não estariam mais somente a serviço da transmissão dos conhecimentos e da cultura, mas de uma causa maior: o equilíbrio mental do seu povo, com o objetivo de formar pessoas que vivessem bem socialmente para que assim se alcançasse a civilização.

## REFERÊNCIAS

MANSANERA, Adriano Rodrigues; SILVA, Lúcia Cecília da. A influência das idéias higienistas no desenvolvimento da psicologia no Brasil. **Psicol. estud.**, Mar 2000, vol.5, no.1, p.115-137. ISSN 1413-7372.

MONARCHA, Carlos. Psicoclínicas e cuidados da infância. **Boletim Academia Paulista de Psicologia**, Vol. 77, Núm. 2, julio-diciembre, 2009, pp.274-284.

RAMOS, Arthur. **A Criança Problema: a hygiene mental na escola primária**. Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 1939.